



Sermão do monte!

Parte 1



DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO CRISTÃ



ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

ANDREA CHERFAN
RODRIGO ROCHA
SUPERVISÃO:
DENISE BRANTE
DIAGRAMAÇÃO E CAPA:
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Índice

1. Introdução ao Sermão do Monte:	1
1.1. Localização Geográfica:	2
1.2. O ponto mais alto da literatura mundial:.....	3
1.3. O Significado do Sermão do Monte:	3
1.4. Uma mensagem impactante:.....	4
1.5. O Reino dos Céus:.....	5
1.6. Conclusão:	5
2. As bem-aventuranças (5.1-12)	6
2.1. Introdução às bem-aventuranças:	6
2.2. Bem-aventurados os humildes de espírito:	9
2.3. Bem-aventurados os que choram:	11
2.4. Bem-aventurados os mansos:.....	14
2.5. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça:.....	17
2.6. Bem-aventurados os misericordiosos:	19
2.7. Bem-aventurados os limpos de coração:.....	21
2.8. Bem-aventurados os pacificadores:	23
2.9. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça:.....	25
2.10. Conclusão:.....	28
3. A diferença que o cristão faz	29
3.1. Introdução:	29
3.2. Vós sois o sal (Mt 5.13):	29
3.3. Vós sois a luz (Mt. 5.14-15).....	30
3.4. Conclusão:	31
4. Cristo, a Lei e a Justiça:.....	33

4.1.	Introdução:	33
4.2.	Jesus não veio destruir a Lei (Mt 5.17)	33
4.3.	A infalibilidade da Palavra de Deus (Mt 5.18)	34
4.4.	O menor e o maior no Reino dos Céus (Mt 5.19)	35
4.5.	Excedendo aos escribas e fariseus (Mt 5.20)	35
4.6.	Matando com palavras (Mt 5.21-22)	35
4.7.	A verdadeira honra a Deus (Mt 5.23-24).....	36
4.8.	Reconciliação (Mt. 5.25 - 26).....	36
4.9.	Conclusão:	38
5.	Cristo, a Lei e a Honestidade (5.27-37).....	39
5.1.	Introdução:	39
5.2.	Adulterio e a Lei (Mt 5.27-30)	39
5.3.	Divórcio e novo casamento (Mt 5.31,32).....	41
5.4.	Juramentos (5.33-37)	45
6.	Vingança e Amor (5.38-48).....	47
6.1.	Introdução:	47
6.2.	A Lei de Talião:	47
6.3.	A face, a capa e a milha (Mt 5.39 – 41)	47
6.4.	Não voltes as costas (Mt 5.42)	48
6.5.	Procurando o bem (Mt 5. 43-46)	49
6.6.	O maior desafio (Mt 5.48)	50
6.7.	Conclusão:	50
7.	Bibliografia:.....	51

Sem dúvida o Sermão do Monte é um dos textos mais conhecidos da Bíblia.

Não foi uma mensagem declarada no calor do momento. Pelas características da narrativa foi uma mensagem planejada.

Conhecido como um “ideal inatingível” o Sermão do Monte nos mostra um caminho difícil de ser percorrido, na verdade impossível sob a ótica humana: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me;” (Mt 16:24). Ele nos chamou não para acumularmos riquezas materiais. Fomos chamados para morrer! Não há lugar para formas de piedade que sejam verniz e fingimento. O que Jesus descreve é a perfeição (Mt 5.48)

Jesus nos desafia a viver uma vida em um padrão muito elevado porque o padrão do Pai é elevado (Lv 20.26).

Seguir por este caminho só é possível para aquele que nasceu de novo (Jo 3.3). O poder para viver este desafio é dado por Deus (Jo 3.27).

Se você aceita este desafio sigamos juntos neste caminho!



1.1. Localização Geográfica:



O local onde Jesus teria proferido o sermão é conhecido como Monte das Bem-Aventuranças.

Está situado a noroeste do mar da Galileia, próximo da cidade de Cafarnaum.

Muitos pontos importantes estão próximos deste monte:

Cidade de Cafarnaum, Magdala, Corazim e Tabgha.

No alto deste monte foi construída a Igreja das Beatitudes, em 1937. Seu formato octogonal é um símbolo das 8 beatitudes.



1.2. O ponto mais alto da literatura mundial:

O Sermão do Monte é chamado de:

“A carta magna do Cristianismo”,

“A essência do evangelho”,

“A ética de Jesus”,

“O ponto mais alto da literatura mundial”.

O filósofo Huberto Rohden, em sua obra “A mensagem viva de Cristo”, cita uma frase de Mahatma Gandhi: “Se perdessem todos os livros espirituais da humanidade e só se salvasse o Sermão da Montanha, nada estaria perdido”.

O Sermão do Monte aparece nos Evangelhos de Mateus e Lucas.

Por que? Porque Mateus escreveu para os judeus, para mostrar ao seu povo que Jesus é o Messias. O foco desta mensagem é o aspecto interior da Lei (são os princípios imutáveis de Deus revelados na Lei), uma nova perspectiva para os que viam apenas a letra da Lei.

Este sermão não foi feito no início do ministério de Jesus, mas sim no 2º ano, depois da páscoa.

A população era carente, cansada – anos de dominação romana, anseio por liberdade, impostos altos, corrupção, desejando uma mudança.

1.3. O Significado do Sermão do Monte:

- Um grito de alerta para um povo que estava perdendo seus princípios e valores. Foram 400 anos sem voz profética, apenas líderes corruptos, interessados em si mesmos e em adquirir mais poder. O povo foi caindo numa religiosidade fria;
- Uma advertência sobre a supremacia dos aspectos espirituais em relação aos materiais (na vida do homem);

- Um despertar para um novo posicionamento do ser humano diante dos seus relacionamentos;
- A revelação da presença do Filho de Deus entre os homens;
- Um desafio a viver uma vida de alto nível (sobrenatural). Só pode ser vivido no poder do Espírito Santo, pelo homem regenerado;
- É a interpretação de Jesus sobre a Lei. Mateus queria mostrar como Jesus interpretou a Lei;
- Os mesmos elementos de Êx 20 estão presentes no Sermão do Monte: um monte, uma revelação, um profeta e o povo.

1.4. Uma mensagem impactante:

Para alguns, este sermão nunca foi realmente pregado. Entretanto, a própria Bíblia mostra que foi sim um ensino pregado por Jesus (Mt 7.28).

Por que o sermão do monte é tão impactante? Porque não é mais um código de ética. **É um desafio a uma vida sobrenatural.**

No fim (Mt 7.24) Jesus nos faz um chamado para ouvir – para seguir pelo caminho que Ele mesmo seguiu.

“E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos;” - Mt 5:1

A prática era ficar em pé quando liam textos das Escrituras em público.

Mas, para explicar o texto os mestres judaicos costumavam se sentar tendo seus discípulos aos seus pés.

“E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo:” - Mt 5:2

É uma expressão idiomática indicando solenidade e seriedade ao que vai ser dito.

“Bem-aventurados ...” - Mt 5:3

No grego é “makárioi”, com sentido de “feliz, bendito”. Significava uma virtude dos deuses e, por isso, também se aplicava a uma pessoa com vida boa.

Mas Jesus pregou em aramaico. A palavra aramaica seria “ashrei” que tem o sentido de “uma marcha segura de uma vida de retidão em direção a Deus”.

Jesus está mostrando como ter uma vida reta caminhando na direção do Senhor.

1.5. O Reino dos Céus:

Os judeus evitam escrever a palavra “Deus”. Assim, Mateus, como um judeu, usa expressão “Reino dos Céus”.

A ideia não é de um reino espacial, com fronteiras geográficas (Jo 18.16).

A expressão identifica a origem do reino. Não é regido por leis humanas, nem vinculado a partidos.

O Sermão do Monte mostra que não são todos os que entram neste Reino. Existem condições a serem satisfeitas.

1.6. Conclusão:

O cidadão o Reino de Deus é “bem-aventurado”. Você tem vivido desta forma?

O Sermão do Monte é um desafio a viver uma vida de confiança no Senhor e de santidade.

Neste estudo seremos confrontados, levados a refletir sobre o que é a “vida abundante”.

TEXTO BÍBLICO: MATEUS 5:1-12

2.1. Introdução às bem-aventuranças:

Para termos uma perfeita compreensão do célebre trecho de Mateus 5.1-12 é preciso compreender o texto de forma ampla. Na verdade, em qualquer estudo bíblico sério, devemos considerar não apenas o contexto em que foi pregado, mas o texto completo como uma unidade, para somente após dar atenção a porções menores e destacadas. Em geral, as heresias brotam de violações desse princípio.

O trecho das bem-aventuranças traz a resposta bíblica do que é ser alguém realmente abençoado, ou na tradução mais literal “feliz” ou “afortunados”. Portanto, a despeito das nossas opiniões acerca do que vem a ser a verdadeira felicidade, a Escritura nos traz a perspectiva correta: a felicidade é alcançada pelo ser humano que tem seu caráter moldado pelo Espírito Santo. Essa é a resposta do Sermão do Monte: só os bem-aventurados é que são verdadeiramente felizes... Para cada bem-aventurança, uma benção é declarada!

A humanidade tem empenhado seus melhores esforços em assegurar a saúde ou em aumentar as posses materiais buscando produzir felicidade. Contudo, qualquer coisa que livre o homem da sua adversidade é temporária... **esse é o engano produzido pelo pecado, oferece felicidade momentânea, conduzindo a condenação eterna (Rm 6.23).**

Portanto, **o primeiro significado** mais geral do texto é que as bem-aventuranças nada mais são do que a **descrição de Jesus, nosso Senhor, sobre como todo o crente deveria ser**. Esse é o primeiro ponto a ser entendido e para fazê-lo é crucial ressaltar o trecho o primeiro versículo de Mateus 5 que assevera que o célebre Sermão do Monte foi pregado aos discípulos:

E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos;

Ora, isso acarreta duas conclusões objetivas: (i) não é cabível esperar dos não-cristãos esse comportamento e (ii) não temos ali uma descrição de um cristão excepcionalmente virtuoso ou elevado, mas de uma descrição de qualquer dos seus seguidores.

Não podemos cair no erro de julgar que aquilo que Jesus nos ensinou caberia somente uma classe especial de crentes, enquanto os demais devem se contentar com uma vida cristã medíocre ou inferior. Se assumirmos que existe uma classe especial de santos, estaremos negando o Sermão do Monte.

“Não temos aqui apenas uma descrição dos Hudson Taylors, dos George Mullers, dos Whitefields ou dos Wesleys deste mundo, e sim, a descrição de todo e qualquer crente. Espera-se que cada um de nós siga de perto esse modelo, que alcance esse altíssimo padrão” – Dr. Martin Lloyd-Jones

O **segundo ponto determinante** é que todos os crentes devem manifestar todas essas qualidades. Trata-se do caráter do homem (Ef. 4.24) e não de funções ministeriais ou dons específicos, onde cada um possui uma função na edificação da Igreja e da missão de Deus. Portanto, é um equívoco afirmar que apenas alguns são “humildes de espírito” e outros “pacificadores”. Em verdade, não é possível ser verdadeiramente um “pacificador” sem antes ter “fome e sede de justiça”, sem antes “chorar”, sem antes ser “humilde de espírito”. As bem-aventuranças estão fortemente interligadas. Contudo, cabe constatar que as qualidades ali descritas se manifestam mais fortemente em alguns crentes do que em outros, mas isso decorre das nossas imperfeições, das raízes de pecado ainda presentes em nossos corações. Não caímos no erro de enxergar as bem-aventuranças isoladamente.

O **terceiro ponto** a ser considerado é que a transformação do homem em alguém que pode ser chamado por Jesus de bem-aventurado é uma obra espiritual (Rm 12.2). E, assim sendo, não podemos considerar que a bem-aventurança decorre de uma índole natural do homem. A obra de transformação do homem é fruto da graça e operação do Espírito Santo em nós, portanto, nenhuma das bem-aventuranças se refere a qualidades herdadas por natureza ou nascimento. Em outras palavras, ser calmo e sempre

gentil, não faz de ninguém se enquadrar na mansidão das bem-aventuranças (ora, não é bíblico pensar que por questões de temperamento ou biologia, alguém possua uma condição especial perante Deus – *Sola Gratia*).

Temos sempre de considerar esse terceiro ponto com muito rigor ao estudarmos essa porção do Sermão do Monte. As obras de caridade realizadas por não-convertidos podem ser realmente generosas, mas jamais serão uma expressão de "bem-aventurados os misericordiosos", ou ainda, a indignação contra o flagelo do próximo como "fome e sede de justiça". Se forem disposições naturais, não podem ser as bem-aventuranças, pois elas são frutos produzidos pelo Espírito Santo, resultante da Graça de Deus em nós.

Outra questão relevante é que a ordem das bem-aventuranças não é mero acaso, mas constitui uma sequência bem definida. Há nelas uma sequência lógica que demonstra dependência da característica anterior. Veja que a primeira e a última bem-aventurança prometem a mesma recompensa num recurso estilístico chamado *inclusio* (como uma moldura que guarda o que a dentro). Dessa forma, não é acaso que a primeira delas seja "humildes de espírito", pois não existem pessoas que não sejam humildes de espírito e pertençam ao reino de Deus.

Por fim, se considerarmos a situação do cristão e da igreja institucional frente o Sermão do Monte observando os princípios acima citados, chegaremos a seguinte conclusão: o caráter da maioria dos que se dizem cristãos não difere tanto daqueles que não são cristãos. A título de ilustração, temos a pesquisa da Barna Group, instituição de pesquisa que estuda o ambiente cristão, demonstra que o número de divórcios dentro da igreja não é diferente dos sem afiliação religiosa (em torno de 25%). Não é incomum ouvir queixas sobre crentes devedores contumazes.

A Igreja deve ser diferente do mundo, de tal forma que a presença de um crente no ambiente, faça frear a caótica escalada do pecado. A santidade cristã expõe o pecado e atrai a inimizade do mundo, mas muitos acabam atraídos pelo amor incomum dos alcançados pelo sangue do cordeiro e pelo estilo de vida daqueles que não apenas pregam, mas que vivem o evangelho que difere dos padrões do mundo (2 Co 3.3). Por isso é tão importante estudarmos

arduamente o Sermão do Monte, para que nossa mente esteja aberta para a grande obra do Espírito em nós.

Se ao examinarmos o Sermão do Monte e considerarmos que as questões postas para nós são difíceis demais ou muito duras para serem cumpridas, se elas espelham um estilo de vida que é ofensivo demais, provavelmente devemos estar mortos em nossos pecados (Ef 2.1). Contudo, se ao analisarmos, nos sentirmos absolutamente indignos, mas motivados a caminhar com seriedade na direção daquilo que descreve a Escritura, é sinal de que somos filhos de Deus.

Que esse estudo esteja acendendo uma chama de desejo em nossos corações para que nossa grande ambição na vida seja nos parecermos mais e mais com Cristo.

2.2. Bem-aventurados os humildes de espírito:

“Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus”

Mt 5.3

Como já foi abordado na seção introdutória, a primeira bem-aventurança é a humildade de espírito e isso não é obra do acaso, antes constitui uma sequência lógica e espiritual. Ela é a característica fundamental do crente, de tal forma que todas as demais são oriundas dela. Precisamos ser humildes (ou pobres) de espírito, antes de sermos cheios do Espírito Santo.

O versículo 3 nos apresenta, portanto, a questão mais básica da vida cristã: não seremos nada sozinhos. Essa é a primeira coisa a ser entendida. Somos totalmente incapazes de cumprir o que de nós é esperado por Deus sozinhos. Ser humilde de espírito é abandonar toda a confiança em nossa força e própria justiça, confiando e dependendo do mérito de Cristo para a nossa justificação. Quantas pessoas ainda frequentam as igrejas numa relação religiosa baseada no esforço próprio e mérito? A falência espiritual dessas pessoas é a prova inequívoca de que ela não compreendeu o Sermão do Monte. Ou aceitamos nossa miséria e assumimos a total dependência do Espírito que nos foi graciosamente concedido, ou estaremos condenados, porque é dos humildes de espírito que pertence o reino dos céus.



“É reconhecer que Deus é grande e que nós não somos, que Ele é Santo e nós pecadores, que Ele é tudo, e nós, nada; humilhamo-nos diante Dele e de Sua poderosa mão” – Matheuw Henry

Em algumas versões podemos encontrar a expressão “pobres” em substituição a “humildes” e assim considerarmos que, de certa forma, a pobreza é elogiada na Bíblia. Esse é um engano comum! Nenhum homem natural não está mais próximo do reino dos céus que um homem mais abastado. O pecado original, bem como aqueles enraizados no coração de todos os homens os condenam igualmente, de forma que não há mérito ou vantagem na pobreza. Portanto, não há que se usar o Sermão do Monte com essa conotação. Contudo, a Escritura condena abertamente o amor ao dinheiro e aqueles que depositam sua confiança nas riquezas materiais (1 Tm 6.10; Sl 52.7; Pv 11.28).

Esclarecido que Jesus está obviamente se referindo a uma relação da pessoa consigo mesma ao perceber a sua incapacidade perante Deus, cabe reiterar aquilo que já vimos como princípio para a correta interpretação do texto: trata-se de uma obra espiritual. E por ser uma obra do Espírito Santo é oposta àquilo que deseja o mundo. Os homens admiram, exaltam as pessoas autodependentes... que o primeiro passo para a vitória é a confiança em si mesmo. Nada é mais oposto ao caráter cristão! Não estamos aqui defendendo a ideia da autocomiseração ou da “postura de coitado”, mas da dependência do amor e da Graça para viver a vida. Não é na autoconfiança que os homens poderão fazer o reino dos céus uma realidade no mundo, mas na humildade perante Deus. Se alguém na presença do Deus Altíssimo não se sentiu incapaz, posso assegurar que ela jamais esteve na presença do Senhor.

Portanto, não caímos no erro de julgar que uma boa oratória, uma pregação confiante ou uma personalidade atraente seja de fato “unção do espírito”. Lembremos-nos do apóstolo Paulo que, em 1 Co 2.3-4, afirmou que enquanto esteve em Corinto, o fez em “fraqueza, tremor e grande temor”, mas assegurou a demonstração de Espírito.

Por outro lado, ser humilde de espírito, não é ser tímido, fraco, retraído, acovardado... não é uma característica natural do homem, de forma que não cabe reprimir a personalidade. Ser humilde de espírito é não depender de dons naturais, da inteligência ou habilidade particular, é não depender da educação recebida, da linhagem familiar, tão pouco é depender da própria moralidade ou bom comportamento. É a atitude de olhar para Deus em posição de total submissão, dependendo inteiramente da Sua misericórdia e da Sua maravilhosa Graça.

Então a pergunta a ser feita é: Como alguém se torna humilde de espírito?

Não há outra resposta que não seja voltar os nossos olhos para Deus, através da Escritura e da oração, tentando entender o que Ele espera de nós e nesse momento, olhar para si, se imaginar na Sua Presença. Nesse lugar, entendemos Isaías ao contemplar a Sala do Trono de Deus (Is 6.5). Deus é Santo, Santo, Santo e isso significa que não existe equiparável a Ele. É olhar para o Jesus da Bíblia e sabendo que deveríamos nos parecer genuinamente com Ele, clamar por ajuda porque ainda nos falta tanto.

Jesus, sendo Deus, foi em todo tempo humilde de Espírito. Mesmo sendo Deus, jamais viveu de forma diferente que um homem, antes investia tempo em oração e afirmava que somente fazia aquilo que via o Pai fazer (Jo 5.19).

Permanecer olhando para Ele... essa é a chave!

“Justo e Santo é o Teu nome,

Mas eu sou todo injustiça;

Vil e pecaminoso eu sou,

Mas tu és veraz e gracioso”

Jesus, Amante da Minha Alma” - Charles Wesley

2.3. Bem-aventurados os que choram:

“Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados”

Mt 5.4

O versículo 4 apresenta talvez uma das maiores contradições entre o cristão e o mundo. Jesus está afirmando que felizes são os que choram. Para alguém que vive a parte do Espírito essa afirmativa ultrapassa os limites do ridículo. As filosofias de vida contemporâneas em geral falam de evitar dificuldades, se concentrar somente naquilo que nos dá satisfação e alegria. Mais uma vez, reiteramos um dos pontos cruciais para o perfeito entendimento dessa mensagem: As palavras de Jesus se referiam (ainda hoje se referem) aos crentes! O crente é alguém que chora!

As bem-aventuranças não são alcançadas por nossa vida natural, mas são uma condição espiritual. Portanto, aqueles que choram em espírito é que são realmente felizes. É necessário que afastemos da ideia de que o choro ou o sofrimento tem em si mesmo, alguma dádiva especial. Por exemplo: A morte de um ente querido é sempre um motivo para choro e lamento, contudo, obviamente, não é a esse tipo de choro que Jesus se referia.

De antemão, cumpre destacar que a descrição do crente como “alguém que chora”, em nada pode ser confundida como uma “postura de coitado” ou de uma postura de renúncia natural a alegria e a coisas legítimas. Não é algo que possamos produzir com o mérito. Por outro lado, também devemos rejeitar a visão de que para “atrair o mundo” precisamos sustentar uma aparência de vivacidade (em outras palavras “um vigor jovem”). Assim como o choro, a alegria do crente tem raízes espirituais na misericórdia e alegria do Senhor.

Então, a que se referia Jesus nessa passagem?

O choro a que Jesus se refere é um choro de origem espiritual como consequência da humildade de espírito. “Os que choram” são aqueles que sentem uma tristeza profunda pelo pecado ao olharem para Cristo. Se sentem assim (i) por si próprios (Zc 12.10) e (ii) pelos pecados dos outros.

Abordemos o primeiro caso: estes são os crentes que se sentem totalmente sem esperança em si próprios. Sentem que não conseguem produzir o bem que devem, mas que tantas vezes praticam o mal que sabem que não podem. Nas palavras do apóstolo Paulo, encontramos o choro de um crente:

“Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”

Rm 7.24

Portanto, “os que choram” são aqueles que sentem uma tristeza profunda pelo pecado ao olharem para Cristo. Eles são pessoas que vivem em contínuo arrependimento, que olham a vida enxergando que não apenas a sua conversão foi objeto da Graça, mas que toda a vida deve ser vivida sob a misericórdia que nos alcançou. “Os que choram” examinam suas vidas e, por mais que tentem, continuam encontrando motivos para chorar em seus pecados, atos e pensamentos malignos que praticou ou alimentou. Se ao nos examinarmos não encontramos motivos para um profundo lamento, não podemos ser contados entre aqueles que Jesus chamou de bem-aventurados.

Quanto ao segundo caso, observemos que não apenas choram por sua condição, mas enxerga as mesmas misérias em outras pessoas, em especial pelas almas que estão perecendo. O crente lamenta pela situação do mundo, sofre com uma sociedade que desperdiça sua vida. O crente chora pela situação do mundo inteiro, contemplando a desordem, a infelicidade e o sofrimento da humanidade. Perceba, Jesus não chorou pela morte de Lázaro em si, porque já sabia que iria ressuscitá-lo, mas pela tristeza e desgosto gerados pelo pecado que ao entrar no mundo introduziu na vida a sentença de morte (examine Lucas 19.41-44 e veja o lamento de Jesus por Jerusalém).



*“Jesus pois, **quando a viu chorar**, e também **chorando os judeus que com ela vinham**, moveu-se muito em espírito, e perturbou-se”. Jo 11.33*

O crente chora porque desfruta da natureza de Cristo, entendendo que o pecado invadiu o mundo, trazendo consequências terríveis.

Portanto, cabe ainda examinar porque aquele que chora é chamado de bem-aventurado? Porque só aquele compreendeu a pecaminosidade do homem (e a sua pessoalmente) e se arrepende profundamente, então, pela obra do Espírito Santo, é conduzido a Cruz de Cristo. Dito de outra forma, tendo o homem compreendido sua situação e sua total incapacidade diante de um

Deus Santo, sofrendo com seu desamparo, busca um salvador e encontra esse salvador em Jesus Cristo. Ao perceber que Ele morreu pelos seus pecados, percebe que Cristo é a perfeita provisão preparada por Deus, sentindo-se imediatamente consolado.

Concluindo, isso não ocorre apenas na conversão, mas como já temos dito, é algo contínuo na vida do crente. Ao se sentir culpado pelo pecado, isso o aflige, mas no momento que ele se volta para Cristo, a Paz e a felicidade retornam. Quando o crente contempla o mundo, sente-se infeliz, geme e chora em espírito, mas ele é consolado sabendo que há uma glória vindoura, que chegará no retorno de Jesus (2 Pe 3.13). Para o mundo não há qualquer consolo, mas o crente é feliz porque verdadeiramente ele é consolado!

2.4. Bem-aventurados os mansos:

“Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;”

Mt 5.5

A ideia de que o predomínio possa vir pela mansidão é algo absolutamente adverso a nossa cultura e ao homem natural. Em geral, a sociedade contemporânea pensa em termos de força, habilidade, autoconfiança e agressividade para o predomínio e conquista. Igualmente, o povo judeu acreditava num redentor que traria a Israel a glória de um passado vitorioso, por meio da política ou da força militar. Contudo, Jesus surpreende afirmando que o Seu reino é dado exclusivamente aos mansos. É como se Ele estivesse dizendo: “Vocês entenderam errado! Esse não é o caminho do Pai! Eu não sou nada disso, tão pouco Meu Reino possui essa natureza”. Dessa forma, o crente com a mente transformada pelo Espírito deve diferir claramente com relação ao mundo que o cerca, seja na perspectiva de sucesso (sucesso para o cristão é fazer a vontade de Deus), seja na forma como ele alcança os objetivos (confiança no Senhor e retidão de caráter).

Examinemos o exemplo de Moisés: ele poderia ter escolhido a corte egípcia, se casado com uma filha de Faraó, teria tido conforto e provisão, contudo escolheu humildemente servir a Deus e cumprir a Sua vontade. Sendo o

homem escolhido por Deus para conduzir o povo, jamais se colocou acima dos seus semelhantes, não impôs a sua vontade, mas antes se rebaixava. Poderíamos abordar exemplos de Davi e Saul, Abraão e Ló ou mesmo o profeta Jeremias que pregou na contramão de seu tempo, sendo pesadamente castigado, jamais renunciou a mensagem que havia de pregar, mas vamos apontar para Jesus no Getsêmani, conjugado com Filipenses 2:

“E, indo segunda vez, orou, dizendo: Pai meu, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade”. Mt 26.42



“Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz”. Fp 2:6-8

Essa humildade de Jesus é característica da mansidão. É jamais se considerar superior ao outro e sempre se submeter humildemente a vontade de Deus!

Uma conclusão objetiva é que a gentileza acompanha os mansos, mas não podemos reduzir a mansidão a uma característica natural, ainda que algumas pessoas possuam um temperamento menos agitado ou sejam mais gentis que outras. Também não podemos comparar a mansidão a fraqueza de quem com tudo concorda para jamais se indispor. Antes, ser manso exige força de caráter que defende a verdade a ponto de morrer por ela. Não é esse o exemplo dos apóstolos, após o pentecostes?

A obra do Espírito Santo no tocante a mansidão nos torna capazes de nos submeter a vontade de Deus por mais alto que seja o preço (não vive dedicado ao seus interesses, mas aos de Deus), sem jamais usar da força física ou autoridade imposta (mas jamais se lamentando sobre si próprio pois não tem a si próprio em alta estima), mas confiando na Sua Palavra, no Seu poder, seguindo Suas orientações, sendo sempre gentis com todos os homens, não

se inflamando perante oposição ou ofensa (Rm12.19), reagindo sim, mas sem qualquer pecaminosidade (atos ou pensamentos), gerando paz no ambiente em que se encontra (1 Pe 2.22,23). Se alguém julga ser capaz de agir assim naturalmente, não compreendeu a doutrina do pecado e o tamanho da Graça que nos alcançou.

Reiteramos uma das características do Sermão do Monte, o seu encadeamento é absolutamente lógico e progressivo: ninguém jamais será capaz de ser manso, a menos que seja humilde de espírito, sem ter lamentado profundamente sobre a sua condição de pecador. Só assim, se chega a humildade de abandonar o “eu”.

Por fim, cabe abordar aqui a benção assegurada em Mt 5.5. No versículo 5, Jesus está citando abertamente Salmos 37, que assevera a benção da confiança no Senhor.

*“Deixa a ira, e abandona o furor; não te indignes de forma alguma para fazer o mal. Porque os malfeitores serão desarraigados; **mas aqueles que esperam no Senhor herdarão a terra.** Pois ainda um pouco, e o ímpio não existirá; olharás para o seu lugar, e não aparecerá. **Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância de paz.**” Sl 37:8-11*

Portanto, herdar a terra é uma clara referência escatológica (relativa ao fim dos tempos) que harmoniza com diversos outros trechos como 1 Co 6.2, Rm 8.17, II Tm 2.12 e Lc 14.11.

“Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois porventura indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas pertencentes a esta vida?” 1 Co 6.2,3

“Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado”. Lc 14.11

Se alegarmos termos recebido o Espírito Santo em nós, quão distantes do caráter de Cristo estamos na nossa caminhada espiritual, se ainda não refreamos a língua, não controlamos os ímpetos ou ainda temos a nós mesmos em tão alta estima...

2.5. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça:

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos”

Mt 5.6

Para alcançarmos o real entendimento do versículo é necessário compreendermos que fome e sede nos remetem as necessidades mais básicas e vitais do ser humano, sem aquilo que jamais poderá sobreviver (comida e água), apontando para a nossa mais desesperadora necessidade, que nos causará todo tipo de dor e doença até que seja satisfeita. Ou seja, o homem que se encontra nesse estado, buscará com tudo o que puder satisfazer essa necessidade, desesperadamente! Semelhantemente, é assim a fome e sede espiritual do homem (Sl 42.1,2).

Passemos então a questão da justiça. Uma vez compreendida a gravidade do pecado e quão irremediavelmente estávamos condenados, buscamos desesperadamente um salvador, que pelo Espírito Santo, encontramos em Jesus. Nesse ponto, abandonamos a autossuficiência e assumimos a dependência total de Deus, chorando pelas consequências do pecado em si e no mundo, odiando sua condição natural, orando e clamando ao Senhor por essas dores. Seguimos agora mansos, abandonando o “ego”, o “interesse próprio” que produz grande parte de nossas misérias e contendas. A justiça é mais uma das características do caráter do crente. Ela é a conclusão lógica, é uma consequência esperada pelas bem-aventuranças anteriores: o crente deseja estar livre do poder do pecado ou ainda, livre do próprio desejo de pecar, como Paulo tão bem nos exemplifica em Rm. 7.22,23:

“Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros” - Rm 7.22,23

Embora o termo justiça seja muitas vezes empregado na Escritura como sinônimo de justificação, esse não é o sentido completo do que Jesus estava dizendo. Em verdade, justiça aqui inclui objetivamente a intenção concreta, o desejo ativo de receber libertação do pecado e de todas as suas manifestações na vida diária. Em poucas palavras, a justiça envolve justificação e o processo

de santificação. Logo, aquele que tem fome e sede de justiça é o indivíduo que anseia a comunhão com Deus acima de tudo, que deseja se ver livre de tudo o que tem potencial de separá-lo de Deus (pois deseja desfrutar da abundância da relação original perdida no pecado – Gn 3.8), para poder viver da Sua doce presença, vivendo como exemplo das bem-aventuranças, na sua vida diária. Não é essa a relação de Jesus com o Pai? (Jo 10.30)

“Ter fome e sede de justiça não é outra coisa senão o desejo do homem de ser positivamente santo” - Dr. Martin Lloyd-Jones

Portanto, é contrário a mensagem da Cruz que tenhamos fome e sede de bênçãos, embora sempre seja motivo de grande regozijo recebê-las, ou ainda ter fome e sede de felicidade. Aliás, essa busca pela felicidade é o que o mundo tem feito, cada trabalho, esforço, empreendimento é uma busca pela satisfação e felicidade. A grande tragédia é que o mundo jamais será capaz de efetivamente achá-la, pois Jesus afirma que são verdadeiramente felizes e satisfeitos aqueles que buscam primeiramente a justiça.

Ainda mais grave é o indivíduo que participa de todos os eventos, pula de igreja em igreja, reuniões de oração e adoração, caçando aquela sensação, aquela experiência extraordinária com Deus. Quão seriamente devemos considerar essa bem-aventurança! Não são bem-aventurados os que tem sede de experiências, esses jamais serão fartos! Não coloquemos a felicidade, a experiência ou a bênção acima da justiça, pois é uma perversão da ordem que Jesus deu as coisas. Felicidade, experiências extraordinárias e bênçãos sem medida são acrescentadas àqueles que buscam à Sua justiça.

Por fim, chegamos a benção prometida: os que tem fome e sede de justiça, são bem-aventurados porque serão fartos! Essa é a mensagem expressa no Novo Testamento... por mais famintos que estivemos um dia, ou estejamos agora Deus sempre será suficiente para nos satisfazer (Jo 6.37)! Logo, o crente é aquele que vive consciente que seus pecados foram perdoados, e vive a partir da maravilhosa Graça, buscando mais da Sua presença através da oração e do estudo das Escrituras, olhando para Ele e buscando a santificação, desejando ser semelhante a Cristo (leia Fp 2.13). É uma situação contínua até a

consumação dos séculos! Deus sempre nos atenderá quando o buscamos de todo o nosso coração, e essa benção será completa e definitiva na Glória!

Concluimos, ter fome e sede de justiça é o desejo do homem de ser realmente semelhante a Jesus!

2.6. Bem-aventurados os misericordiosos:

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia”

Mt 5.7

Até esse momento, podemos perceber que as bem-aventuranças se referem a uma relação com o próprio indivíduo, ou seja, olhando do ponto de vista da nossa necessidade e da consciência dessa necessidade. A partir de agora, observamos uma mudança, onde a perspectiva refere-se para a disposição do crente, como resultado de tudo o que dito antes.

Isto é especialmente importante, porque o Evangelho atua na nossa essência e não naquilo que iremos realizar em si (o crente é alguma coisa, antes de fazer alguma coisa). O realizar do crente é resultado da Graça. Não somos convidados a tentar viver a vida de um crente em determinadas áreas (o homem natural tenta fazer isso), mas a refletir o fato de sermos crentes nas nossas atitudes em todas as áreas da nossa vida (caráter de uma nova criatura – Gl 2.20 – *“(…) já não sou mais eu, mas Cristo vive em mim”*).

Dito isto, a misericórdia aponta para a compaixão, para o desejo de aliviar os sofrimentos. É o senso de piedade cristão! Examinemos a parábola do bom samaritano (Lc.10.27-37) que movido por íntima compaixão, interrompe seu caminho e providencia lugar seguro e cuidados. Portanto, ser misericordioso é ter o intenso desejo de aliviar as dores da miséria sofrida por homens e mulheres, acompanhado por atos externos em relação a essa tristeza.



Os misericordiosos participam das aflições dos outros, atuam para diminuir a fome e a miséria física, ajudam a instruir o ignorante,

advertem os desatentos e buscam aqueles que estão presos ao pecado. É justamente isto que Deus fez por nós... Deus viu nosso estado, nossa miséria, e a despeito de sermos transgressores, a Sua misericórdia O motivou a agir em nosso favor, enviando seu filho unigênito cuidar da nossa situação!

Alertamos para não confundir “misericordiosos” com “complacentes”, ou seja, aquele tipo de pessoa que finge não estar vendo o problema em prol de uma falsa paz. Ser complacente significa em última instância ser contrário a disciplina e a retidão ou ainda ser tolerante quanto à transgressão e a desobediência às leis. Deus jamais foi condescendente conosco, antes assumiu a justa penalidade da nossa desobediência sobre si mesmo em Jesus, portanto não podemos admitir que seja essa interpretação do versículo. Tão pouco podemos confundir misericordiosos com a disposição natural do indivíduo que é naturalmente mais tolerante, caso contrário seria correto dizer que alguém teria alguma vantagem para encontrar Deus face a face (Rm 3.23). As bem-aventuranças constituem um todo, uma descrição completa do caráter do crente como obra do Espírito Santo! Nenhum de nós é verdadeiramente dotado de um espírito perdoador se não fomos primeiramente perdoados por Deus!

Por fim tratemos da benção declarada “alcançarão misericórdia”. O que Jesus está nos dizendo é que só seremos perdoados quando estivermos realmente arrependidos, ou seja, quando percebermos que realmente merecemos a punição e nada podemos fazer a cerca disso. Uma vez consciente disso, compreendo que se a punição devida não recaiu sobre mim é devido a misericórdia de Deus. Ora, se isso é verdade em mim, a minha atitude para com os demais é alterada, passando a enxergar os outros como escravos do pecado que estão condenados ao inferno (a mesma condenação merecida por mim anteriormente) e, portanto, com quem devo me compadecer, me mostrando misericordioso para com eles. Essa foi a atitude de Jesus para com seus algozes:

“E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem (...)” - Lc 23.34

Definitivamente, o Sermão do Monte é investigativo sobre nós mesmos. Acaso, temos atitude semelhante mesmo quando somos prejudicados

deliberadamente por alguém? Esse é o grande teste! Deveríamos orar a Deus em favor delas, clamando para que Ele use de misericórdia para com elas (Mt 5.44), pois já estivemos nesse mesmo lugar que elas. Ser consciente de tão grande misericórdia, tão maravilhosa Graça que nos alcançou, não deveria permitir que tivéssemos qualquer sentimento de orgulho pessoal, nenhum espírito vingativo, antes seríamos imediatamente levados a sentir profundo pesar pela situação delas.

2.7. Bem-aventurados os limpos de coração:

“Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus”

Mt 5.8

Temos dito que a ordem das bem-aventuranças não foi escrita ao acaso, mas em uma sequência lógica. Ora, não deveria essa bem-aventurança então abrir o Sermão do Monte? Porque ela foi posta aqui? Afinal, ver a Deus é estar em Sua presença e isso é o bem maior. A resposta a essa pergunta passa fundamentalmente pelo entendimento de que uma pessoa somente pode tornar-se possuidora de um coração limpo é perceber o quão impuro é o seu coração. E que ao ser alcançado pela Graça, vive um amor real a Deus, verdadeiro, singelo, franco. Esses são os verdadeiramente felizes.

Ser limpo de coração aponta para o fato que somos donos de um amor não dividido, considerando Deus nosso bem maior, um amor que procura viver para a glória de Deus em todos os aspectos da nossa vida. Em outras palavras, ter um coração limpo, nada mais é que observar o primeiro mandamento:

“Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças” - Dt 6.5

Os fariseus do Antigo Testamento buscavam reduzir a lei de Deus a uma retidão de conduta. Eles praticavam a lei impecavelmente quando ao exterior, mas estavam cheios de cobiça e maldade no interior (Mt 23.23-33). Contudo, Jesus reitera o interesse de Deus pelo coração. De forma mais objetiva, bem-aventurados são os puros, não meramente na superfície, mas no mais profundo do seu ser, de onde nascem as vontades e os comportamentos.

Uma das grandes falências da humanidade é negar o fato de que os males do nosso mundo vêm do coração do homem e não do ambiente em si. Adão e Eva pecaram no paraíso! O ser humano não está melhorando em seu coração porque está se tornando mais educado. É perfeitamente verificável ao nosso redor, homens extremamente cultos, cheios de erudição intelectual, mas com a vida conduzida em iniquidade.



“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?” - Jr 17.9

Somente os limpos de coração verão a Deus! Esse é o ensino da Carta aos Hebreus que nos adverte claramente: sem santificação, ninguém verá o Senhor (Hb 12.14). Nada mais é que o coração limpo, não dividido, é a devoção única a Ele. Não é apenas uma questão de moralidade ou decência, mas a disposição da pessoa por inteiro como no primeiro mandamento. João 1.5 nos diz que Deus é luz e que nele não há trevas, poderíamos nós nos achegar a Deus e misturar trevas a luz? De maneira alguma.

Por fim, cabe destacar ainda que os crentes podem ver Deus em um sentido que nenhum não cristão poderia. O crente reconhece Deus na natureza, na história e na nossa vida. 1 Co 13.12 diz que hoje o vemos em parte, mas que um dia o veremos de uma maneira nunca antes vista, face a face. Esse é uma das mais maravilhosas declarações do Novo Testamento!

Então, como alcançar esse coração? Como chegar a ser limpo de coração? Não há outro caminho que, tomando consciência da nossa miséria nos unamos a Davi em clamor: “Cria em mim, ó Deus um coração puro (...) – Sl 51.10. Essa é nossa única esperança!



Ser levado pelo Espírito a buscar a Deus, ser purificado por Ele enquanto admiro Sua santidade e o seu Ser através das Escrituras e da oração. É uma busca ativa ao mesmo tempo dependente! Eu não posso purificar meu coração, mas posso me achegar a Ele, confiando que Ele vai concluir a boa obra (Fp 1.6; Tg 4.8).

2.8. Bem-aventurados os pacificadores:

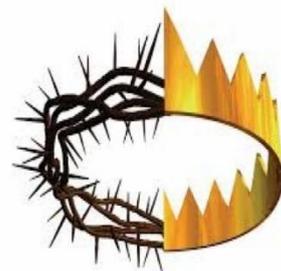
“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus” Mt 5.9



Essa bem-aventurança nos leva a uma reflexão: porque temos tantas guerras no mundo? Porque o mundo está frequentemente enfrentando tensões entre nações? Porque os homens insistem em se agredir? Porque é tão difícil manter a paz?

Porque a ONU falha sistematicamente? A única resposta factível é a concupiscência do homem, o seu egocentrismo, seus desejos vis... é o pecado. Obviamente, o mundo não é capaz de reconhecer isso (Jo 16.8) e vai apontar para política, ordem econômica, religiosa ou social. Na verdade, não há como solucionar a questão da paz mundial sem que haja tratamento para o coração do homem, pois essa é a fonte real do problema (esse é o ensino da Escritura – Mt 15.19). Não adianta tratar o sintoma com medicamentos, se não cuidarmos efetivamente da doença. Não é a educação que resolverá o problema, embora seja altamente desejável que a humanidade cresça nesse quesito. Enquanto o homem carregar esse coração corrompido, não haverá paz!

Jesus é o maior exemplo de pacificador. Ele é o Príncipe da Paz! Ele estabeleceu a paz entre Deus e o homem. Nunca tomando a si mesmo em alta conta, sempre preocupou-se em estabelecer a glória do Pai (Fp 2.6,7). É através do seu sangue que o coração do



homem é restaurado e é possível que seja produzida paz entre os homens (Ef. 2.15-22). Se Deus tivesse insistido sobre Seus direitos e Sua dignidade absoluta, nada nos restaria a não ser o inferno e a perdição.

Uma vez que esses fatos estejam claros, podemos afirmar que o mundo necessita de pacificadores. Essas pessoas procuram ativamente produzir concordância para que haja paz entre as pessoas, entre as nações, mas antes de tudo consideram que o homem deve estar em paz com Deus. Somente as pessoas que possuem um coração limpo, absolutamente mansos (libertos do egocentrismo, dos interesses pessoais, como já estudamos acima) podem ser pacificadoras. Para o pacificador nada é mais importante que a glória de Deus seja estabelecida entre os homens, ainda que isso signifique sofrer ofensas e injustiças, exatamente como fez Jesus!

“O papel do pacificador cristão não apenas implica não só na propagação do evangelho, mas também de acalmar tensões, buscar soluções, garantir que comunicação seja eficiente” – Dr. D.A. Carson

De maneira prática, o pacificador tem muito cuidado ao falar, em especial se isso pode prejudicar alguém (não tem aquela necessidade de expressar a sua opinião a todo custo), encara toda e qualquer situação a luz do evangelho (a nossa opinião não é realmente importante em termos pessoais, o que o evangelho nos diz sobre isso é que importa), não toma a si mesmo como importante, busca antes o meio de produzir paz com seu ofensor ativamente (toma a iniciativa – veja Rm 12.20), e busca difundir a paz onde quer que esteja (sendo amigável e jamais defendendo o seu interesse próprio).

Lembrando que não podemos confundir o “pacificador” com a disposição natural de calma de alguém que é complacente a fim de evitar qualquer conflito, pois isso nada mais é do que sacrificar o senso de justiça e retidão para que haja uma falsa paz (afinal, envolve aceitar algo absolutamente injusto para evitar o choque). Pelo contrário, é uma pessoa transformada pelo Espírito que é capaz de não provocar conflitos, mas de empenhar esforços para que a paz seja estabelecida e mantida.

A recompensa dos pacificadores é que serão chamados filhos de Deus. É crucial compreendermos que ser chamado filho de Deus nada mais é do que

pertencer a Deus. Em outras palavras, o pacificador é o filho de Deus que se assemelha a seu Aba Pai!

A célebre frase de Martin Luther King Jr é absolutamente verdadeira se compreendermos que Jesus foi feito justiça (leia 1 Co 1.30), e que portanto, a paz é a presença de uma Pessoa!

“A verdadeira paz somente não é a ausência de tensão, é presença de justiça”

– Martin Luther King Jr.

2.9. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça:

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” - Mt 5.10-12

Os estudiosos concordam que os versículos 11 e 12 são uma explicação dessa bem-aventurança. Jesus conclui a descrição do caráter do crente no versículo 10 para, em seguida, aplicá-lo particularmente aos seus discípulos.

O versículo 10 descreve primeiramente um relato do que será o resultado das virtudes expressas no caráter do crente nos versículos anteriores por causa daquilo que Ele é. Ou seja, o crente é perseguido por ser um determinado tipo de pessoa e porque se comporta de uma certa maneira. Observe que o que o crente ganhará do mundo por ser um pacificador e misericordioso é perseguição. Esse é o resultado de seguir os passos do nosso Senhor!

Outro ponto interessante é que a bênção prometida é a mesma do versículo 3 – *“porque deles é o reino dos céus”*, numa estrutura literária que indica o encerramento de uma seção (começamos pelo reino dos céus e terminamos pelo reino dos céus). Todas as bem-aventuranças possuem suas bênçãos (como já temos dito, não devem ser analisadas isoladamente, mas em um todo, como o caráter do homem deveria ser). Mas essa estrutura denota que o fator mais importante para um indivíduo é ele ser membro do reino dos céus.

Esta mensagem tinha um impacto devastador nos tempos de Jesus, pois os judeus aguardavam o Messias poderoso que viria estabelecer o reinado dos judeus sobre os demais povos e os livrariam da opressão vivida. Contudo, é como se o Mestre estivesse dizendo: meu reino não é isso que vocês julgaram em seus corações... meu reino não é deste mundo! Ainda hoje, essa bem-aventurança ecoa avisando ao mundo que podemos ter todas as bênçãos particulares, mas o ponto central é que o cristão é um cidadão de outra pátria e por isso fazemos parte de uma dimensão espiritual.



Talvez por ser uma realidade espiritual tão profunda, essa bem-aventurança seja tão mal interpretada. Frequentemente temos ouvido que crentes estão sofrendo perseguições, mas é importante compreender que Jesus estava claramente informando que o crente capaz de refletir o caráter Dele será perseguido, justamente por esse motivo, e por nenhum outro.

Dito de outra forma, Jesus não nos chama de felizes quando somos perseguidos por nossa insensatez ou falta de sabedoria, ou quando temos atitudes dignas de reprovação, ou por terem comportamento inadequado, ou por falarem demais. Acrescentamos que não são bem-aventurados os fanáticos ou os excessivamente zelosos e por isso são perseguidos. É importante ter em mente que somos capazes de criar todo tipo de dificuldade a nós mesmos e isso incluir a perseguição. Jamais podemos ser chamados de bem-aventurados fazendo algo de errado!

Outro fato a ser destacado, notadamente em nossos dias: não são bem-aventurados os que sofrem por suas opiniões políticas. Não era disso que Jesus falava! A fé cristã não consiste em anticomunismo ou mesmo uma realiza qualquer defesa de qualquer sistema político em especial... se colocamos o cristianismo como anticomunismo apenas criamos barreiras para que os comunistas sejam alcançados pela mensagem da Cruz e sejam salvos.

Vamos acrescentar ainda que não são bem-aventurados os perseguidos por atos de bondade ou abnegação, ainda que o cuidado e o desejo de aplacar as

mazelas do pobre seja sempre louvável. Em geral, o mundo admira e louva pessoas que sacam seus celulares no exato momento de um ato de bondade, mas esse mesmo mundo persegue os justos. Deus nos livre de sermos enganados nesse sentido! Veja, não estamos questionando a nobreza do ato em si, mas colocando a questão na perspectiva bíblica correta.

Feitas as ressalvas, definimos que essa bem-aventurança se refere àqueles que são perseguidos por que se assemelham ao Senhor Jesus. Mais ainda, o ensinamento bíblico nos mostra que os que se assemelham a Cristo, de alguma forma, sempre serão perseguidos. Vejamos o capítulo 15 de João:

“Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que vos disse: Não é o servo maior do que o seu senhor. Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa. Mas tudo isto vos farão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou” - Jo 15.18-21

De igual modo, encontramos Paulo advertindo Timóteo em 2 Tm 3.12.

Nunca houve com inteira perfeição como Jesus, gentil, manso e bondoso, contudo o mundo não o recebeu. Esse é o testemunho da Igreja ao longo da história. Para além dos apóstolos que foram martirizados segundo diz a tradição podemos citar, por exemplo: John Huss, padre católico e precursor da Reforma Protestante, foi executado em 1415, queimado vivo e morreu cantando o Cântico de Davi "Jesus filho de Davi tem misericórdia de mim". A vida de justos tem sido tomada por esse mundo mal (aí não se incluem aqueles que são nominalmente religiosos), mas Jesus nos assegura: esses são realmente felizes, porque deles é o Reino.

Por fim, concluímos com 3 conclusões importantes acerca dos versículos 11 e 12: (i) a perseguição não será apenas física, mas inclui insultos e violência psicológica; (ii) Jesus faz um claro paralelo entre a expressão “por causa da justiça” e por “minha causa”, confirmando que a justiça aqui é a imitação Dele e

(iii) o cristão deve se alegrar quando sofrer a perseguição por causa do caráter de Cristo (veja At 5.41, 1 Pe 1.6), pois a recompensa é razão suficiente.

“Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” - 2 Co 4.17,18

2.10. Conclusão:

O Sermão do Monte é uma das mensagens que mais revelam sobre nós mesmos em toda a Escritura. Se o caráter que Jesus nos apresenta de Mt 5.1-12 é ofensivo demais para nós, talvez devamos questionar o cristianismo que vivemos, contudo, se ao estudarmos essa passagem sentirmos uma mistura de tristeza pelo pecado que me aflige, de rejeição ao nosso “eu” natural, mas de regozijo pela Graça que me alcançou, estou sendo trabalhado pelo Espírito Santo para que eu seja semelhante a Cristo!

Como temos dito ninguém desenvolve as características do caráter de Cristo sozinho, mas devemos ter a responsabilidade de busca-lo diligentemente nas Escrituras e na oração, enquanto o Espírito trabalha em nós. Que objetivo pessoal poderia ser mais nobre que esse: ser semelhante a Jesus!

O maior problema do mundo, da humanidade, da sociedade é o pecado. Por outro lado, a solução para o mundo é Cristo. Portanto, a maior necessidade do mundo atual é um maior número de indivíduos verdadeiramente crentes que refletem a Cristo. Se as nações fossem compostas por crentes genuínos, aqueles que buscam se tornar semelhantes a Jesus, então ninguém precisaria temer o poderio militar ou econômico.

Neste sentido, as bem-aventuranças constituem a descrição de Jesus do caráter que o crente deve manifestar como habitante do céu e que por manifestar o caráter de Cristo, transforma as realidades a sua volta. Portanto, a pregação do evangelho com total fidelidade, por esse tipo homem, é a medida mais direta que existe para resolver o problema.

3.1. Introdução:

Fé e Obras devem andar juntas (Tg 2.20).

Motivo: Não é para exibicionismo.

É para que vejam. Nosso discurso deve vir acompanhado de ações (Tg.2.20).

3.2. Vós sois o sal (Mt 5.13):

Até o versículo 12, consideramos o que o cristão é, e passaremos agora a compreender de que maneira o cristão deveria manifestar sua nova natureza.

Esta é uma afirmação. Não é um pedido.

Na antiguidade o sal era tão valorizado que chegou a ser usado como dinheiro. Parte da remuneração dos soldados romanos era de sal, daí a palavra “salário”.

Platão, filósofo grego falecido no século IV A.C., disse sobre o sal: “uma graça especial dos deuses”. O sal era considerado divino por suas propriedades (cicatrização, sabor, conservação).

A comparação com o sal também fala do poder da influência do menor sobre o maior, pois a quantidade de sal é menor que a quantidade de alimento. O cristão é um agente influenciador. Além disso, o sal não fica visível na comida, ele não precisa aparecer. Sua presença é sentida pelo sabor.

O sal era necessário porque não havia refrigeração para os alimentos. Naquela época o maior valor do sal era de preservar. Assim o cristão deve ser um obstáculo à deterioração da sociedade.

O sal também precisa estar em contato com o objeto para agir. Assim o cristão não pode se isolar. Em João 17.15 Jesus não pediu que o Pai tirasse seus discípulos do mundo.

Em II Rs 2.19-21 vemos que o sal foi usado em um ato profético para curar as águas. Da mesma forma o cristão também é um agente de saúde.

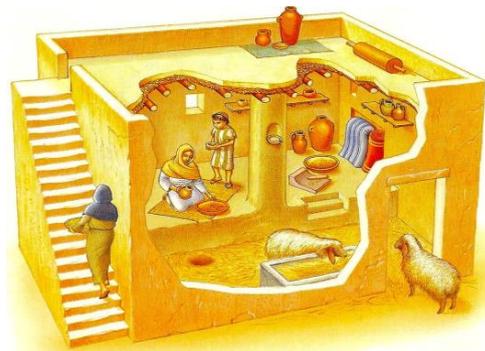
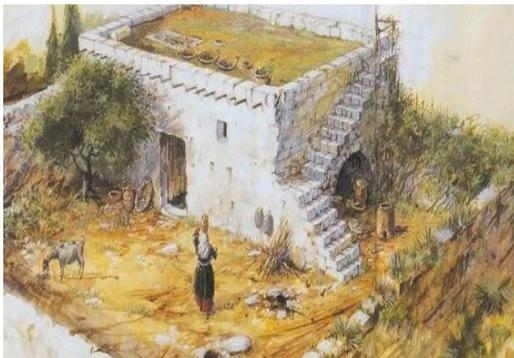
O sal provoca sede, faz com que a pessoa deseje beber água. Assim o cristão deve levar as pessoas à Cristo (Jo 4.14).

Nos tempos antigos um lugar aspergido com sal estaria condenado à esterilidade (Dt 29.23; Jz 9.45; Sl 107.34; Jr 17.6). A desobediência a Palavra de Deus faz com que nossa vida se torne estéril como o sal lançado sobre a terra para este fim.

3.3. Vós sois a luz (Mt. 5.14-15)

Novamente temos a ideia do menor influenciando o maior.

A candeia ou lamparina é menor que o espaço que ela tem que iluminar.



Reconstituição artística de uma residência na Judeia do século I.



Deus é luz (I Jo 1.5), Jesus é luz (Jo 1.4,9). Nós somos luz porque a Luz habita em nós. Nós não somos luz por nós mesmos. Somos luz porque a Luz habita em nós.

Luz e trevas não coexistem no mesmo espaço ao mesmo tempo. Quando uma luz é acessa em um cômodo as trevas desaparecem.

A luz expõe a sujeira, ou seja, mostra onde está o problema (Jo 3.19-21). Ao varrer um cômodo você o faz no escuro ou acende uma luz?

A luz pode ser obstruída (I Ts 5.19). Você tem iluminado o caminho para as pessoas? Ou tem se escondido? Uma cidade sobre um monte tem visibilidade total.

O “alqueire” era uma cesta de carga colocada sobre o dorso dos animais.



Já percebeu que a luz brilha sem barulho? Em Fp 2.15 diz: “Para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis, no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo”.

Significa que não é por nossa capacidade: “*Não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.*” (Zc 4.6)

O Sol não briga com a noite, não disputa espaço. Ele faz o que é de sua natureza (Pv 4.18).

Você é um instrumento através do qual o reino de Deus se manifesta neste mundo. Você é um AGENTE MANIFESTADOR DO REINO DE DEUS. Em Mt 5.16 diz: “...para que vejam as vossas obras...”

Você é um instrumento através do qual o reino de Deus é exaltado neste mundo. Você é um AGENTE DE GLORIFICAÇÃO E EXALTAÇÃO A DEUS. Em Mt 5.16 também diz: “...e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus.”

3.4. Conclusão:

O cristão sal e luz é aquele posicionado na Palavra de Deus:

Que não enrola no trabalho ou nos estudos;

Que não se omite na hora de ajudar alguém;

Que vibra com as coisas do Reino com o mesmo entusiasmo como torce para o seu time de futebol.

Os momentos difíceis chegam para todos. Não precisamos esconder. Mas precisamos mostrar a diferença: *“Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos;”* (2 Co 4:9)

Jesus não nos deu opção. Ele não disse: “Se quiser ser”. Ele disse que nós somos.

4.1. Introdução:

Os primeiros 16 versos de Mateus 5 são, na verdade, uma introdução com o objetivo de induzir o leitor a um autoexame. A partir do verso 17 inicia-se o corpo principal do Sermão do Monte.

4.2. Jesus não veio destruir a Lei (Mt 5.17)

Neste verso, “Lei e os profetas” significa todo o Antigo Testamento. Devemos compreender que, na verdade, Jesus não estava criticando a Lei. Jesus se opôs a interpretação errada da Lei e não a Lei em si.

Por que Jesus não veio revogar a Lei ou os Profetas?

A) Porque eles procedem de Deus:

- Na tentação no deserto, Jesus venceu as tentações citando a Lei (Mt 4.4 = Dt 8.3)
- II Tm 3.16; II Pe 1.21 – Jesus não revogaria algo inspirado pelo Espírito Santo

B) Porque apontam para Jesus:

- Rm 10.4: Como Ele lutaria contra si mesmo?
- Gl 3.24: A Lei como um aio. Não poderíamos compreender a profundidade do Evangelho sem a Lei, que revela nossa incapacidade de viver corretamente.

C) Porque denunciam nossos pecados:

- Gl 3.11 – A Lei não salva, mas nos aponta o pecado.

D) Jesus veio completar a Lei:

- V. 17 “cumprir”: Sentido de “aperfeiçoar, completar”.

Mas como Jesus “completou” a Lei?

- Jesus mostrou mais do que a simples letra da Lei, Ele revelou o espírito da Lei (a verdadeira intenção).
- Jesus desviou a ênfase do exterior das pessoas para o coração.
- Jesus mostrou que o amor é o seu mais visível cumprimento. (v. 23-24)

Assim a Lei é uma expressão da vontade santa de Deus. Por isso Ele não veio revogá-los.

4.3. A infalibilidade da Palavra de Deus (Mt 5.18)

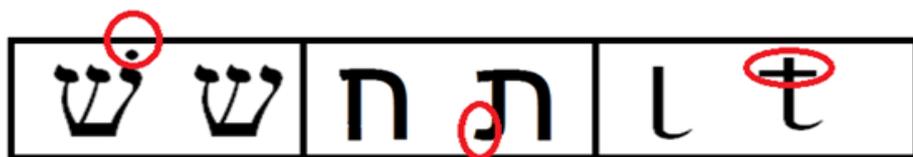
“Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til jamais passará da lei, sem que tudo seja cumprido.”

A expressão até que o céu e a terra passem tem o sentido de “até que todo o desígnio de Deus de cumpra”.

A tradução “nem um jota ou um til” no original (grego) se refere a:

- JOTA: Letra grega iota (ϰ), a menor letra do alfabeto grego, que equivale a letra yud (י) do alfabeto aramaico.
- TIL: No original grego a palavra é “kêreia”, que significa “gancho, projeção como a parte de uma letra”.

Alguns exemplos podem ajudar no entendimento:



Letras hebraicas
shin e sin

A diferença entre
elas é um ponto
no alto da letra.

Letras hebraicas
het e tav.

A diferença entre elas
é uma pequena curva
no final da letra tav.

Letras em português
"L" e "T".

A diferença é um traço
na letra "T".

Ou seja, Jesus disse que nem um pequeno detalhe da Palavra de Deus deixará de se cumprir. Os pequenos detalhes fazem toda a diferença.

4.4. O menor e o maior no Reino dos Céus (Mt 5.19)

Os fariseus dividiam os preceitos da lei em menor e maior, ensinando que aqueles que violavam o primeiro eram culpados apenas de uma ofensa trivial (Mt 23:23).

Cristo ensina que em Seu reino aqueles que fazem essa distinção ou que ensinam que qualquer lei de Deus pode ser violada impunemente devem ser chamados menores, com sentido de dignidade.

4.5. Excedendo aos escribas e fariseus (Mt 5.20)

Os Fariseus eram um dos principais grupos religiosos da época. Eram influentes e poderosos. Já os escribas, eram especialistas da Lei.

A expressão “exceder” neste verso tem o sentido de “transbordar como um rio”.

Os fariseus e escribas cumpriam apenas a letra da Lei (Mc 3.1-4). Zelavam pelo aspecto exterior.

Não precisamos ser mais rigorosos que os fariseus, precisamos ser mais sinceros, dar mais atenção à mensagem da Lei do que simplesmente à letra. Devemos ir além da obediência, um coração sincero, mente pura. A mensagem de Jesus neste sermão é mais exigente e desafiadora.

4.6. Matando com palavras (Mt 5.21-22)

Jesus cita as Escrituras. Devemos lembrar que as “Escrituras” não eram a Bíblia como conhecemos hoje. Naquela época tudo o que tinham era o que conhecemos como Antigo Testamento. Jesus mostra que o sentido da Lei dada por Deus é muito mais profundo do que imaginamos.

A expressão “aos antigos” no verso 21 significa “aos homens de outras gerações, antepassados”. Jesus cita uma passagem dos 10 mandamentos (Êx 20.13 e Dt 5.17).

O verso 21 diz que será “sujeito a julgamento”. No original está se referindo ao Sinédrio, que era a corte suprema judaica que julgava os casos mais graves e podia até dar sentença de morte.

A expressão “tolo”, no verso 22, no original é “raca”, um termo aramaico que quer dizer “cabeça oca, vazia”.

O “inferno de fogo” no verso 22 é “Gueena”, que é a transliteração grega do vale de Hinom, um vale ao sul de Jerusalém, usado como depósito de lixo e local de sacrifícios humanos. Tornou-se símbolo do lugar final de condenação para os maus.

Jesus não está dizendo que podemos nos irar desde que tenhamos motivo. A ira humana nunca é boa. A ideia é aquele que se ira à toa. Lembre-se que Jesus se irou (Mt 21), mas não pecou.

Jesus foi muito além da interpretação dos fariseus e escribas. A Lei proibia o assassinato, Jesus proíbe a ira e a ofensa. O homem vê somente atos, mas Deus vê as motivações por trás dos atos (I Sm 16.7). Jesus mostra que odiar é pecado da mesma forma que assassinar – porque o início do homicídio é o ódio (Tg 4.1). Jesus focou na raiz do problema.

4.7. A verdadeira honra a Deus (Mt 5.23-24)

Deus não aceita bajulação, não se pode comprar o favor de Deus com uma oferta. Deus não aceita a oferta se o ofertante maltratou alguém e não corrigiu sua conduta. É uma ofensa a Deus. Deus aceita as ofertas de um coração puro: Pv 15.8; Isaías 1.11-13; Jr 6.20.

O verdadeiro culto não é simplesmente ir à igreja para receber alguma bênção. Culto é dar, é mais que pedir, é dar a própria vida.

Em I Jo 4.20 vemos que não basta dizer que tem um relacionamento com Deus. É preciso ter relacionamento com o irmão.

4.8. Reconciliação (Mt. 5.25 - 26)

Observe a expressão que Jesus usou: “Entra em acordo”. Expressa um imperativo. É preciso disposição para fazê-lo.

Aqui temos alguns elementos importantes:

- O “adversário” mencionado se refere a um “oponente num processo jurídico”.
- O juiz é quem faz a decisão, a sentença.
- O oficial é quem cumpre a sentença.
- O último centavo, no original é o “quadrans” (ou quadrante), que significa “1/4”. Era a moeda romana de menor valor. Valia ¼ de 1 asse.

Em Mt 10.29, 2 pardais valiam 1 asse.

Abaixo uma imagem de 1 quadrans:

<p>Anverso:</p> 	<p>Símbolos rituais: concha (Simpulum)e bastão (lituus). Inscrição: LAMIA SILIVS ANIVS (Tradução: Lucius Aelius Lamia, Publius Silius, C. Annius Pollio)</p>
<p>Reverso:</p> 	<p>S C (significa “<i>senatus consultum</i>” – tradução: por decreto do senado) IIIIVIR AAAFF (Iniciais de “<i>Triumvir Auro, Argento, Aere, Flando, Feriundo</i>” – tradução: <i>Triumvir monetalis</i> eram as pessoas responsáveis pela fundição e cunhagem de moedas de ouro, prata e bronze.</p>

1 quadrans: Data: 9 a.C.; Imperador Augusto (27 a.C. - 14 d.C.); Tamanho: 17 mm.

Podemos compreender que a falta de perdão, o rancor e a amargura aprisionam vidas. Por isso existem tantas vidas amarradas (emocionalmente, espiritualmente).

4.9. Conclusão:

- Jesus não veio destruir a Lei porque ela aponta para Ele mesmo e porque denuncia nossos pecados. A Lei nos mostra o quão dependentes da Graça de Deus nós somos;
- A Palavra de Deus é infalível;
- Temos a responsabilidade de ensinar corretamente a Palavra de Deus;
- Precisamos exceder os escribas e fariseus, sendo sinceros e obedientes;
- Pv 18.21 – Use o poder da língua para trazer vida e bênção;
- Honre a Deus através dos relacionamentos;
- Não se aprisione com ressentimentos.

TEXTO BÍBLICO: MATEUS 5:27-37

VERSO-CHAVE: “SEJA, PORÉM, O VOSSO FALAR: SIM, SIM; NÃO, NÃO; PORQUE O QUE PASSA DISTO É DE PROCEDÊNCIA MALIGNA”. - MT 5.37

5.1. Introdução:

Jesus primeiramente apresenta o caráter do cristão, do tipo de indivíduo que pertence ao reino dos céus, para posteriormente aplicar o caráter do cristão nas situações da vida. Desde o versículo 21, Jesus começa a lidar com o problema da compreensão incorreta das Escrituras e dos princípios espirituais eternos que Deus estabeleceu. Fariseus e doutores da lei, muitas vezes depositavam nas tradições orais a mesma autoridade das Escrituras, assim deturpavam o ensino enfatizando o caráter estrito da letra.

“Jesus se opôs não à lei, mas à interpretação tradicional ilegítima da Lei, que enfatizava seus regulamentos mais que sua natureza” –

Craig S. Kenner

Ao interpretarem a Lei equivocadamente, todo o ensino era corrompido, de forma que Jesus trabalha ativamente a honestidade (entendida como decência, pureza e moralidade irrepreensível) nas relações humanas, derrubando as tradições incorretas e indicando a verdadeira direção para a qual o Antigo Testamento aponta.

5.2. Adultério e a Lei (Mt 5.27-30)

É uma clara referência a Êx 20.14, o sétimo mandamento. Contudo, Jesus aprofunda o ensino trazendo a questão da cobiça, numa doutrina que relaciona o sétimo com o décimo mandamento:

“Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.” – Êx 20.17

Jesus cita o sétimo mandamento e afirma que o cumprimento meramente formal é insuficiente sob o ponto de vista prático e que tal interpretação carece do rigor devido.

Não se trata apenas do ato sexual fora do casamento, mas da pureza do leito conjugal (Hb 13.4).

Para o fariseu, contanto que ele não praticasse o ato sexual, não poderia ser acusado perante a Escritura, embora sua conduta pudesse ser abertamente depravada. Para Jesus, a violação da pureza conjugal em pensamento já constitui pecado.

O sexo é uma benção de Deus na vida do ser humano, mas o intenso desejo pelo corpo, ou a relação provocante, ou ainda a sensualidade exagerada que atenta contra o outro, fora da relação matrimonial privada, Jesus equipara ao adultério.

Diversas fontes judaicas advertiam contra esse comportamento, enfatizando a sedução da mulher. Contudo, Jesus aqui destaca a responsabilidade daquele que deseja! Não há pecadores inocentes nessa história!

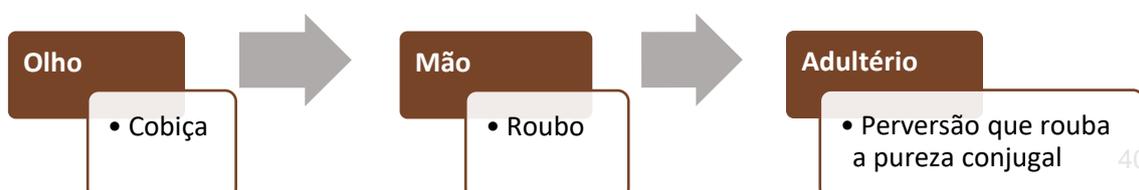
A sociedade contemporânea alimenta a nossa luxúria constantemente, sejam nos seriados do Netflix, novelas, revistas ou anúncios (já olharam atentamente as propagandas de perfumes!?). Grande parte dos sucessos musicais dos últimos anos está ligada a relação sexual e a infidelidade. Em nossa sociedade, a mensagem de Jesus ecoa em alto som:

“Eu, porém, vos digo, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela”. Mt 5.28

A reflexão que é obrigatória, mas vergonhosamente verdadeira: Quem de nós não é culpado de adultério? Mais do que nunca, precisamos ser o pobre de espírito da primeira bem-aventurança e possamos clamar a Deus genuinamente arrependidos:

“Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado”. Sl 51.2.

Nesse sentido, precisamos da atitude radical contrária ao pecado manifesta por Jesus nos versículos 29 e 30. Olho e mão não foram escolhas casuais:



A interpretação literal é equivocada – o alvo de Jesus é o caráter do homem, é o coração do homem. A questão de Jesus é não tratar com condescendência o pecado! Jesus trata com severidade, advertindo que os que tais coisas praticam com o inferno.

No ensinamento de Jesus, o pecado leva para o inferno, portanto, deve ser levado muito a sério!

Não devemos flertar com o pecado, nem fazer concessões de vez em quando! Devemos odiar o pecado, buscar esmagá-lo de todo nosso coração (Cl 3.5)! A nossa sociedade preocupa-se tanto com o bem-estar do homem nessa terra que trata o pecado como uma anormalidade ou uma doença qualquer que precisa de tratamento, jamais algo digno de condenação e arrependimento, pois pode causar dano psicológico.

Pecado é algo seríssimo, segundo o ensino de Jesus. O pecado seduz e produz vítimas sim, mas as vítimas nesse caso não são sujeitos passivos. Pecado deve ser tratado com repreensão privada para correção, tratado a luz da Escritura para arrependimento, com oração e súplicas por um novo coração.

“Mortificai, pois, os vossos membros, que estão sobre a terra: a fornicação, a impureza, a afeição desordenada, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria; pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência” - Cl 3:5,6

5.3. Divórcio e novo casamento (Mt 5.31,32)



O divórcio é algo odioso para Deus. Sem introduções ou rodeios sobre o tema: Deus odeia o divórcio (Mt 2.16)! Isso deveria ser o suficiente para todo o povo de Deus buscar proteger o casamento, mas não é o que temos visto. Para a nossa sociedade o ensino de Jesus é ofensivo demais sobre o tema.

Segundo Dt 24. 1-4, caso o homem encontre alguma impureza em sua mulher, ele se divorcia dela dando-lhe carta de divórcio. Existiam fariseus que permitiam o divórcio por qualquer motivo (como era previsto na lei romana), ou seja, qualquer imperfeição da esposa a seus olhos (a exposição do braço de uma mulher em público, o fato de queimar a comida do marido, ou quando o marido encontrava uma mulher mais atraente), poderia servir como motivação para a separação. Jesus, então, começa a corrigir a visão incorreta do ensino.

Deus fez um homem e uma mulher e os uniu de tal forma que o divórcio era inconcebível. Portanto, qualquer divórcio não é agradável a Deus! Ele permitiu a separação, pela lei mosaica, por impureza que rompeu de maneira irreparável a aliança (fornicação), com a compreensão de que é uma excepcionalidade a ser evitada, gerada pelo coração duro e pecado do homem (lembrando que ninguém é obrigado a se divorciar de seu cônjuge).

Vejamos Mt 19.10-12:

“Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de fornicação, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério. Disseram-lhe seus discípulos: Se assim é a condição do homem relativamente à mulher, não convém casar. Ele, porém, lhes disse: Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido”. Mt 19.11-12

Casamento é algo extremamente sério diante de Deus. A hipótese do novo casamento é prescrita claramente somente em caso de morte do cônjuge (Rm 7.1-3, 1 Co 7.10,11). Contudo existem algumas linhas teológicas relevantes que tratam do tema:

i) temos uma linha mais radical que afirma que o novo casamento só poderia se dar em caso de morte, sendo o divórcio permitido somente em caso de imoralidade sexual. Nesse caso, a parte inocente teria o caminho do perdão ou seguir divorciado sem novos relacionamentos (nessa visão, independe de quem deu causa ao divórcio, ambos estão vinculados pela aliança no Senhor); e

ii) uma linha mais moderada que admite a possibilidade de novo casamento a parte inocente no processo de separação. Igualmente, o divórcio é permitido somente em caso de imoralidade sexual.

Em nossa igreja, a posição pastoral aproxima-se do entendimento da segunda linha, contudo sendo realizada uma avaliação de cada caso de forma específica e concreta pelo pastor Daniel. Caso essa lição tenha acendido algum tipo de alerta ou dúvida sobre sua situação, pedimos que procure o nosso pastor para tratar do seu caso.

O padrão que Jesus estabelece ao casamento é elevado. Que o nosso juramento diante de Deus de amar um ao outro na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe, seja tomado de igual relevância da honestidade prescrita por Jesus nos versículos 33 ao 37.

Apêndice: Violência doméstica e separação conjugal

Embora os versículos levantados nessa seção não tratem da temática da violência conjugal, cabe um aparte específico como alerta para a violência no casamento. Infelizmente, as redes e os telejornais estão repletos de casos de violências contra a mulher e isso tem sido objeto de dúvida no coração das irmãs. Queremos estabelecer uma visão teológica sobre o tema:

NINGUÉM DEVE SER ESCRAVO DE UMA RELAÇÃO ONDE A VIOLÊNCIA OCORRE!

A tradução do hebraico mais adequada para Deuteronômio 24, não é literalmente uma citação a impureza como uma ligação direta a imoralidade sexual, mas trataria de alguma indecência não explicada textualmente, embora claramente compreendida como excepcional pelos ouvintes à época (motivo pelo qual, anos depois houve a perversão da lei tornando comum algo excepcional). Por sua vez, em Êxodo 21, vemos o estabelecimento de normas para relações civis e penais em Israel no claro intuito da preservação da vida. Observando especificamente o caso da relação de servidão e escravidão naquele tempo (Ex.21.25,26), podemos notar que a liberdade para a relação seria estabelecida em caso de violência.

Teria coisa mais indecente que o marido, abandonando a sua missão de amar sua esposa como Cristo amou a Igreja, praticar toda ordem de violência e opressão sobre sua esposa?

Em nossa visão, o caso assemelha-se sobremaneira ao abandono do lar que Paulo descreve na relação descrita em 1 Co 7.15. Portanto, aquele que agride seu cônjuge já se apartou da aliança.

Sempre defenderemos a reconciliação e o perdão como saída para o casamento ferido, afinal essa conduta é a esperada por Jesus (que combate a “dureza do coração do homem”). Acreditamos no poder restaurador do Espírito Santo para o arrependimento verdadeiro e mudança de padrão, contudo, não podemos fechar nossos olhos e deixar de aplicar os princípios bíblicos imutáveis de Deus ao nosso tempo.

5.4. Juramentos (5.33-37)

A passagem de 5.33 é uma referência a Ex 20.10, Lv 19.2, Nm 30.2 e Dt 23.21-24.

Os juramentos foram largamente utilizados em toda a Bíblia (Dt 10.20, Rm 1.9, 2 Co 1.23, 1 Ts 2.5,10, Fp 1.8, Sl 16.10, Hb 6.10). O próprio Deus jurou em Gn 9.9-11 que não destruiria a terra com outro dilúvio. Contudo, Jesus agora está dizendo para que não juremos de forma alguma.

“Ao Senhor teu Deus temerás; a ele servirás, e a ele te chegarás, e pelo seu nome jurarás” - Dt 10.20



Os juramentos acima citados eram uma forma de estimular a honestidade ou para dar ainda mais garantia a palavra que havia sido dada. A passagem de Mt 5.33-37 não deve servir de constrangimento para documentos e processos legais que estamos sujeitos ao realizarmos negócios, por exemplo. Obviamente, não

se trata de uma vedação de ação absoluta de Jesus, mas da circunstância que Ele buscava combater.

Ocorre que naquele tempo, os judeus haviam constituído um código legalista chamado *Mishná* que tratava dentre outras coisas de juramentos, incluindo quando esses votos seriam obrigatórios ou quando não seriam (jurar por Jerusalém não obriga ao cumprimento do voto, mas jurar na direção de Jerusalém obriga, por exemplo). Ou seja, eram regras que estimulavam a mentira e a falsidade, atuando no sentido contrário àquilo que o juramento bíblico buscava (fortalecer a verdade), fortalecendo a prática da mentira e promovendo o engano.

Jesus está abertamente reprovando uma conduta de falsa moralidade, reforçando a ideia que saibamos viver em total integridade a ponto de não precisarmos de quaisquer juramentos. Portanto, jurar não é pecado em si, mas a intenção do coração de defraudar, enganar, mentir é.

“Jesus está interessado em honestidade, sua constância e incondicionalidade” – D. A. Carson

A credibilidade da palavra da boca do cristão deve ser respaldada por sua reputação e conduta irrepreensíveis, de forma que nenhum juramento se faz necessário para asseverar a verdade. Para aqueles que seguem Jesus é melhor dizer “sim” ou “não” com sinceridade, pois se um seguidor de Jesus tem necessidade de juramento para ter credibilidade, certamente seu caráter está associado a mentira. Por isso Jesus assevera: “tudo o que passar disso procede do Maligno”, pois ele é o pai da mentira (Jo 8.44).

“Mas, sobretudo, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem façais qualquer outro juramento; mas que a vossa palavra seja sim, sim, e não, não; para que não caiais em condenação” - Tg 5.12

Por fim, cumpre ressaltar que Jesus estabelece a todo juramento uma relação com Deus, de forma a garantir seriedade a questão. Jesus dá exemplos nos versículos 34 a 36, estabelecendo que de uma forma ou de outra jurar por qualquer coisa é jurar por Deus, porque Ele está por traz de todas essas coisas.

Sejamos nós amantes da Verdade e andemos sempre em honestidade entre os homens. Resistamos às tentações das mentiras por conveniência, mesmo aquelas de pouca importância concreta, ou de não cumprir nossas palavras porque passaram a ser inconveniente para nós. Os verdadeiros discípulos de Cristo andam em verdade porque a Verdade (Jo 14.6) é uma Pessoa digna de toda confiança e louvor.

6.1. Introdução:

6.2. A Lei de Talião:

- *lex talionis* (latim) ou lei de talião, que significa “lei da retaliação”. Amplamente praticada na antiguidade;
- Jesus estava citando Êx 21.24 , Lv 24.20 e Dt 19.21;
- Não era uma lei pessoal, mas de âmbito legal. Deveria ser aplicada por tribunal;
- A Lei proibia a vingança (Lv 19.18), mas os fariseus defendiam seu uso pessoal;
- A sabedoria declarada em Provérbios desestimulava a prática da vingança (Pv 20.22) e 24.29);
- Jesus não estava defendendo uma forma de passividade, mas sim de resistência pacífica.

6.3. A face, a capa e a milha (Mt 5.39 – 41)

“Eu, porém, vos digo que não resistais ao perverso; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra;” – verso 39

- Sentido de “não buscar restituição na corte”

A palavra não é para o agressor, mas para o agredido.

- Jesus não está entrando no mérito da punição ou não ao agressor. Ele está recomendando ao agredido que tenha a capacidade de resistir, de não responder com violência à violência sofrida.
- Como perdoar aquele que agiu com crueldade?

“E, ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa;” (v. 40) (ou manto)

As vestes poderiam ser dadas como penhor (Êx 22.25-27; Dt 24.12-13). Mas deveriam ser devolvidas ao anoitecer.

O princípio de estar pronto a abrir mão do que consideramos nossos direitos garantidos por lei.



“E, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.” – verso 41.

- A lei romana *mille passum* (uma milha).
- Todo romano tinha o direito de exigir de qualquer pessoa dentre os conquistados a obrigação de carregar a bagagem por mil passos = 1 milha romana.
- Cristo não estava pregando a subserviência, mas nos mostrando que podemos desarmar o mundo com paz e bondade.



Marco romano na Via Romana XVIII – estrada que liga as cidades de Braga (Portugal) e Astorga (Espanha).

6.4. Não voltes as costas (Mt 5.42)

O apego às coisas é um ponto essencial do viver humano.

O que está em jogo não é se é certo ou não dar dinheiro aos pobres.

O tema central é: Cristo não tolera atitudes mesquinhas e avarentas.

Não fique se perguntando: “O que eu ganho em troca?”

Podemos ampliar e incluir tempo para estar com as pessoas, para ensinar.

Martin Niemöller - Lembrado por suas palavras:

"Quando os nazistas vieram buscar os comunistas, eu fiquei em silêncio; eu não era comunista.

Quando eles prenderam os sociais-democratas, eu fiquei em silêncio; eu não era um social-democrata.

Quando eles vieram buscar os sindicalistas, eu não disse nada; eu não era um sindicalista.

Quando eles buscaram os judeus, eu fiquei em silêncio; eu não era um judeu.

Quando eles me vieram buscar, já não havia ninguém que pudesse protestar."



(1892–1984)

Pastor luterano alemão.
Inimigo público de Hitler.

6.5. Procurando o bem (Mt 5. 43-46)

"Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo." - verso 43

"Amarás o teu próximo" - Citado em Lv 19.18.

"Odiarás o teu inimigo" – Onde está na Bíblia? Em lugar nenhum!

Interpretação errada dos escribas sobre o "próximo".

Jesus mostrou que os inimigos são incluídos na Lei (parábola do bom samaritano – Lc 10.29-37).

O próximo é qualquer um ao alcance de nossa ajuda.

Pv 25.21-22

"Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus." – verso 44

Judeus não se sentavam com publicanos, não podiam tocar ou fazer refeições com estrangeiros, não falavam com os samaritanos. Eles não eram considerados como "próximos".

“Porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos. Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?” – versos 45-47

Nós fazemos distinção, mas Deus não faz. Ele expressa Sua bondade para com todos.

Queriam tanto ser diferentes dos publicanos, mas se tornavam piores que eles.

O discípulo de Cristo deve ir além do conformismo social, de ações educadas e socialmente aceitáveis.

6.6. O maior desafio (Mt 5.48)

“Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.”

Está no imperativo, não é opcional.

É impossível humanamente falando.

Temos que ser santos porque Ele é santo (Lv 19.2), temos que ser amorosos porque Ele é amor (I Jo 4.7) e perfeitos porque Ele é amor (Mt 5.48).

Como alcançar este padrão tão elevado?

6.7. Conclusão:

- A ética do Sermão do Monte é incompreensível, impraticável e inatingível ... a menos que o Senhor mesmo aja em nós.
- Então, “Quem pode, então, ser salvo?” (Mc 10.26). “Para os homens é impossível, mas não para Deus; porque para Deus tudo é possível” (Mc 10.27).
- O discípulo de Cristo não tem direito de pagar na mesma moeda, nem de executar vinganças.
- O exemplo de Cristo: I Pe 2.21-23 ; Lc 22.49-51.

CARSON, D.A., **O Sermão do Monte**: exposição de Mateus 5-7, São Paulo: Vida Nova, 2018.

JONES, L. M., **Estudos no Sermão do Monte**, São Paulo: Fiel, 2ª edição, 2018.

CRAIG, K. S., **Comentário Histórico Cultura da Bíbliaica – Novo Testamento**, São Paulo: Vida Nova, 2017.

CHAGAS, T., **Taxa de divórcios entre evangélicos se igualou à do restante da sociedade, alerta pesquisa.** 2017. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/divorcios-evangelicos-igualou-sociedade-88508.html>
Acesso em: 07 fev. 2022.